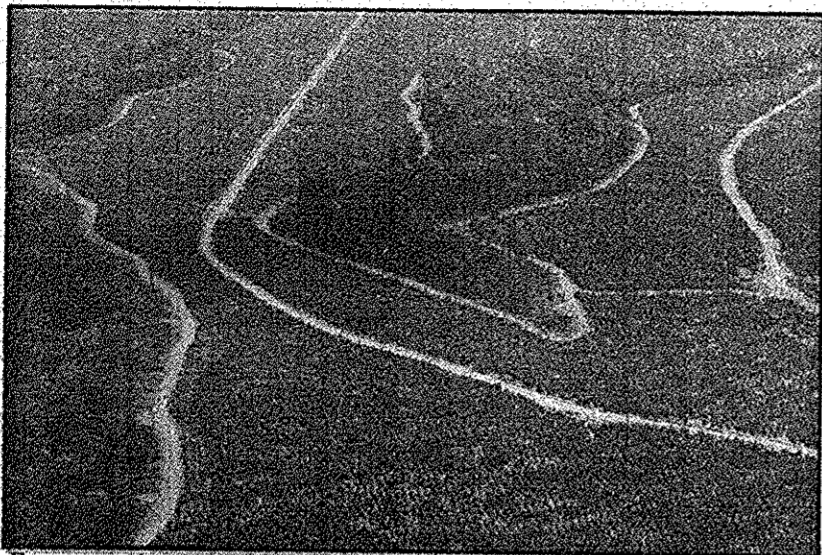
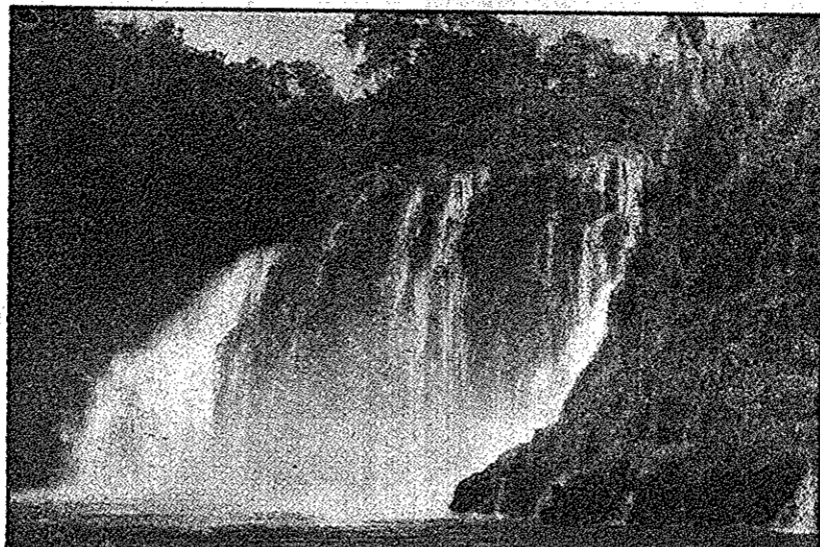


ECOLOGIA

22 • segunda-feira, 19/10/92

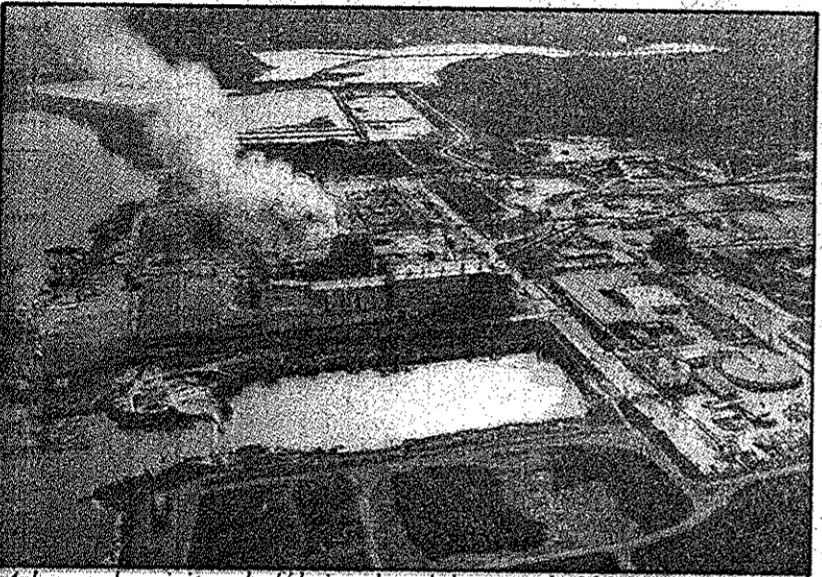


Em torno das áreas com eucaliptos há um cinturão de mata nativa



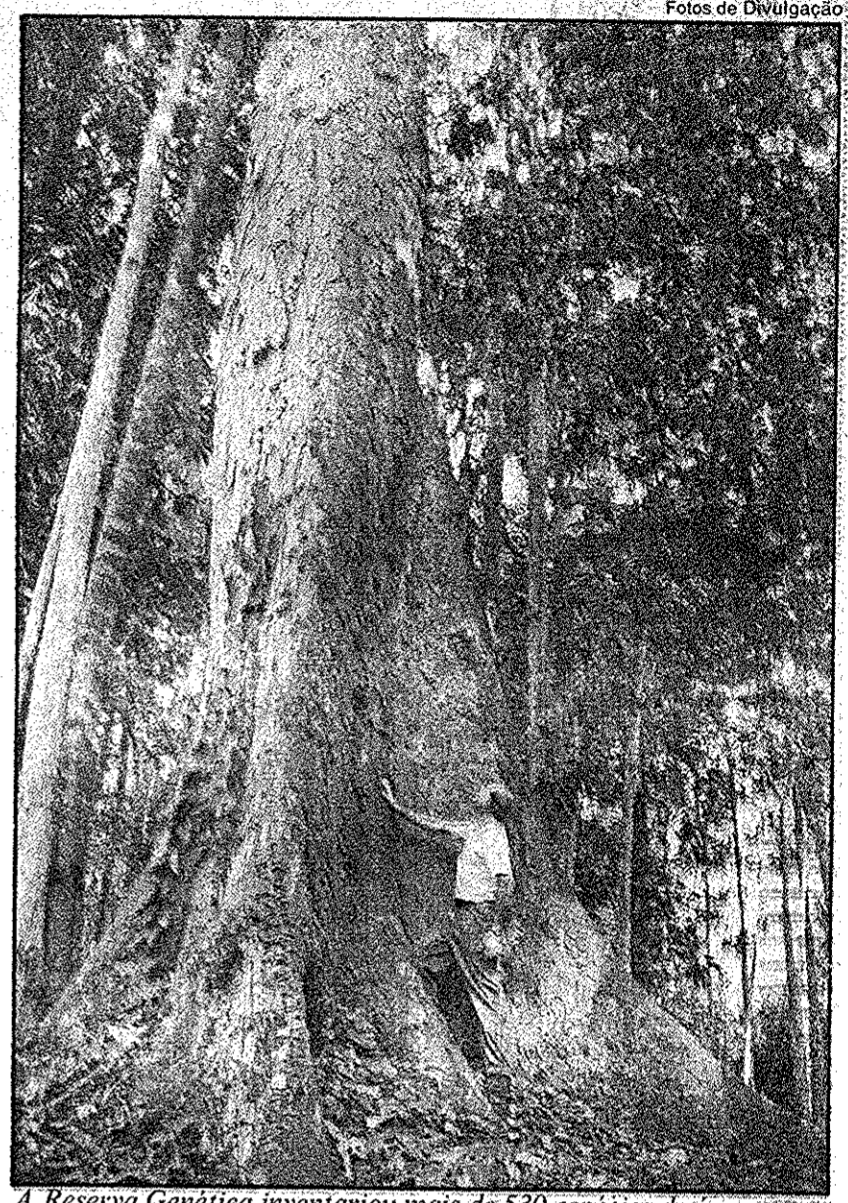
Mesmo com a hidrelétrica, a cachoeira de S. Antônio permanecerá

(K11)



A lagoa de rejeitos da fábrica de celulose mede 200 hectares

JARI



A Reserva Genética inventariou mais de 530 espécies de árvores

Megaprojeto busca saídas para desenvolver Amazônia sem destruir

Ditadura da biologia

"Aqui mandam a biologia e o mercado. Quem interpretar bem suas leis, ganha dinheiro. Caso contrário, perde"

Sergio Coutinho, agrônomo da Embrapa responsável desde 1984 pelo Departamento de Pesquisa Florestal do Jari, fala de cadeia. Afinal, Daniel Ludwig enterrou nada menos que um bilhão de dólares no Jari ao longo dos 15 anos em que tocou o megaprojeto. Boa parte do prejuízo decorreu da pressa do velho tycoon: septuagenário e convencido de que o mundo passaria em breve por uma grave escassez de papel, não quis perder tempo. Mandou vir uma fábrica de celulose do Japão por navio e plantou uma árvore nova (Gmelina arborea) em 160 mil ha de solo, sem prévia análise do solo ou experiências genéticas com a planta.

O fracasso da Gmelina levou ao cultivo do Pinus caribaea. Mas foi só com a introdução do Eucalyptus urograndis, um híbrido que já chega a render 40 m³ por ha/ano e cujo ciclo é de seis

anos, que o Jari decolou. Até lá, o caminho foi duro. De 84 a 88, a empresa investiu pesado e realizou um minucioso levantamento do terreno. Resultado: existem, na área, 23 tipos de solos, e descobriu-se que é possível fofatar os solos pobres sem risco de desertificação. Hoje já há várias áreas na terceira rotação. Para evitar erosão, as áreas cultivadas são intercaladas com mata nativa.

Os estudos de solos e as conseqüentes técnicas de mecanização e correção foram de crucial importância para o sucesso do Jari. Outro fator importante foi o aumento da produtividade através de melhoramento genético. "Quando cheguei aqui, tinha dúvidas sobre a viabilidade do empreendimento", conta Coutinho. "Hoje sabemos que a floresta industrial na região é altamente competitiva". O custo da madeira já caiu de US\$ 30 por m³ colocado na fábrica na época dos americanos para US\$ 20 e pode despencar para US\$ 15 através de aumento de produtividade.

KRISTINA MICHAELLES

MONTE DOURADO. Pará — Do mesmo latifúndio de 1,6 milhão de hectares atacado ferozmente pela esquerda e pela direita há duas décadas, tido até hoje por muitos como símbolo de destruição ambiental, parecem estar saindo algumas das soluções mais interessantes e viáveis para o futuro econômico da Amazônia. A primeira foi provar que o cultivo de eucalipto e pinheiro para fabricação de celulose dá certo na selva tropical. Com isto, a Jari — Cia. Florestal Monte Dourado ajudou a derrubar uma série de mitos seculares, como o de que os solos da região são todos pobres e improdáveis. Agora, o empreendimento fundado há 25 anos pelo multimilionário americano Daniel Keith Ludwig e gerido desde 1982 por um consórcio de 22 grupos nacionais, está pronto para outra.

Trata-se do Projeto Tueré, uma imensa área de 60 mil hectares ao sul de Monte Dourado. Lá, os dirigentes do Jari pretendem instalar um modelo de manejo sustentável da floresta. A meta é provar que dá para conciliar uma atividade rentável — a retirada seletiva de madeiras nobres — com a preservação do meio ambiente. Tudo isso através de trei-

namento da população local, de tecnologias que barateiem a produção e com a aplicação de uma espécie de certificado verde para a madeira extraída desta forma.

"Historicamente, só a necessidade de sobrevivência tem levado a hábitos de conservação dos recursos naturais, e a Amazônia não será nenhuma exceção", adverte o agrônomo Sergio Coutinho, assistente da Diretoria Florestal do Jari e responsável pela implantação da Reserva Genética, na prática o maior laboratório vivo da Amazônia (veja ao lado). "A região caminhará inexoravelmente para a destruição se não procurarmos agora maneiras apropriadas de educação e gerenciamento ambiental", avisa.

A Jari já está investindo US\$ 2,4 milhões na elaboração do projeto e na abertura de uma estrada de 44 quilômetros de terra batida através da área do Tueré, beneficiando três comunidades locais, informa o diretor-presidente, Eduardo Barreto. Se o modelo der certo, torce o agrônomo Sergio Coutinho, poderá ser difundido através da Amazônia para tentar evitar os estragos provocados por invasores e posseiros sem preocupação com a preservação do meio ambiente.

MITOS QUE SOBREVIVEM

A Amazônia é uma planície. Errado. A visão de planície foi transmitida pelos exploradores que navegavam pelo rio Amazonas. Em terrenos mais antigos há altitudes de até 500 metros, como no norte do Jari.

Os solos são pobres. De fato, a maioria dos solos retém poucos nutrientes, e a floresta cresce sobre solos paupérrimos, alimentando-se da biomassa das folhas caídas. Mas há (também no Jari) trechos de terra roxa igual à do Paraná. Hoje, técnicas modernas permitem corrigir os solos pobres.

A floresta é homogênea. A composição da vegetação varia de acordo com o solo e com o regime das águas. Há mais de 20 tipos de solos só no Jari. A variedade florestal — ao lado de campos, drenados e cerrados — é enorme.

Desmatamento causa desertificação. Nem sempre. A vegetação tem mecanismos de cicatrização eficientes, apesar do uso abusivo do fogo para fazer novas pastagens. Obviamente, os desmata-

mentos merecem toda preocupação.

A Amazônia é o pulmão do mundo.

As plantas absorvem CO2 para fixar o carbono em seus tecidos e liberam oxigênio, que é consumido na mesma proporção por plantas, microorganismos e animais. Em outras palavras: uma floresta libera a mesma quantidade de dióxido de carbono consumido pela fotossíntese. Há, no entanto, um mecanismo ainda pouco estudado pelo qual certos solos enviam carbono para o mar e, conseqüentemente, um excedente de oxigênio é liberado na atmosfera.

Queimadas contribuem para o 'efeito-estufa'

A queima descontrolada de matas amazônicas tem pequena participação como emissora de CO2, comparado com o estragado causado por combustíveis fósseis. As queimadas no mundo todo contribuem com 20% do CO2 produzido. O desmatamento no Brasil é responsável por menos de 5% do total de CO2.

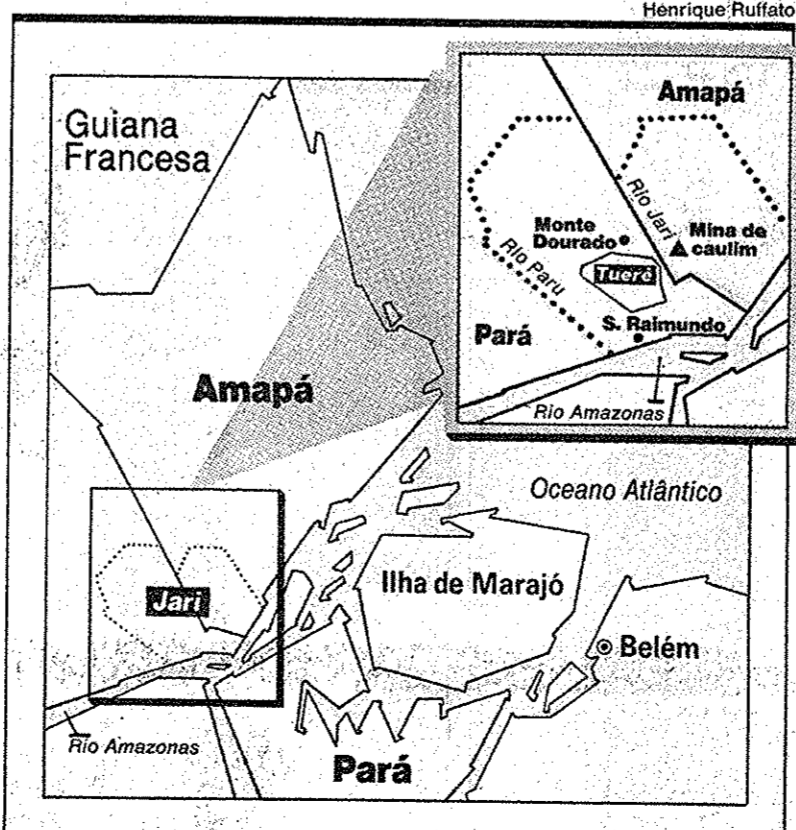
do livro Vegetação no Jari, de Sergio Coutinho

Inventário da floresta

Dos 1,6 milhão de hectares do Jari (equivalentes a 3 Bélgica), há 66% de floresta nativa e 26% de várzeas onde existe a maior cultura de búfalos do país, com 12 mil cabeças. Apenas 5% da área total é de florestas plantadas. Desde 84, uma equipe de botânicos realiza no Jari um detalhado levantamento das espécies nativas. Mais de 500 espécies já foram catalogadas, pertencentes a 59 famílias botânicas. Há 1.500 árvores permanentemente sob observação quanto a floração, frutificação, fôlhagens e copa. Os resultados do trabalho serão publicados no livro Vegetação do Jari, do agrônomo Sergio Coutinho.

A hidrelétrica que deverá ser construída ao custo de US\$ 200 milhões no rio Jari preservará a bela cachoeira de Santo Antônio. E o controle ambiental também é

rigido na fábrica de celulose à beira do rio Jari. Os 100 mil m³ de esgotos negros e fétidos expelidos diariamente são canalizados para uma imensa lagoa de 200 hectares, onde permanecem durante sete dias em contato com o ar, num processo natural de oxigenação, antes de serem devolvidos ao rio. Um complexo sistema de filtros trata os gases emitidos. "As exigências de controle ambiental têm aumentado no mundo inteiro, e atualmente os próprios clientes fazem periodicamente auditorias na área para se certificar de que não há nenhum dano", explica o diretor industrial, Nelson Lubi. Afinal, a Amazônia é um alvo por excelência dos fiscais ecológicos. Que dirá uma fábrica de celulose.



Através de melhoria genética, eucaliptos podem render ainda mais